

OS NEGROS E A GEOGRAFIA HISTÓRICA DO FUTEBOL NA CIDADE DE PELOTAS: OS CASOS DE E.C. PELOTAS E G. E. BRASIL (1900-1930)

CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ¹; BEATRIZ ANA LONER²

¹Universidade Federal de Pelotas – christian_mackedanz@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bialoner@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na cidade de Pelotas a mão-de-obra escrava foi empregada de forma muito acentuada. Por esta razão, após a abolição, muitos afrodescendentes continuaram a viver na cidade. Na busca por vagas no mercado de trabalho livre, sofreram todos os tipos de discriminação, o que acabou por condicionar suas chances de ascensão social (LONER, 2010, p. 182). O futebol chega a esta cidade justamente na virada do século XIX para o XX. Trazido, ou por membros da elite de países vizinhos, notadamente Uruguai e Argentina, ou por indivíduos de alta classe, que faziam negócios ou estudavam na Europa, ele se consolida, inicialmente, com um caráter elitista, de distinção social. Porém já na primeira década do século XX cresce o interesse pelo futebol e os mais pobres, dentre eles os negros, que sofriam duplo estigma, pela renda e pela cor, buscam alternativas para a prática do esporte. Assim, em 1922 já existem quatro ligas de futebol na cidade, sendo a Liga Pelotense de Futebol, de 1907, a mais elitizada e a Liga José do Patrocínio, de 1919, a principal alternativa para os afrodescendentes praticarem o esporte (RIGO, 2012, p. 41-42). Este trabalho discutirá, no entanto, apenas um dos aspectos abordados pela minha dissertação de mestrado, qual seja da trajetória dos atualmente dois principais, considerando torcida e títulos, clubes da cidade, o S. C. Pelotas e o G. E. Brasil, no que diz respeito a presença de jogadores negros em seus plantéis nas primeiras décadas do século XX.

Do ponto de vista teórico, várias colocações teriam que ser feitas, mas a mais relevante é a feita por Guimarães (2005, p. 67), sobre como o conceito de raça deve ser encarado:

A necessidade de teorizar as “raças” como elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e identificar que orientam as ações humanas.

No que diz respeito ao período estudado, o Pós-abolição, é importante enfatizar de que forma o trabalho entende que as pesquisas sobre o referido período devem se comportar. Conforme Domingues (2009, p. 239-240) coloca:

Que o Rio Grande do Sul foi um Estado racista nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do XX, não se tem dúvidas. Para o historiador, entretanto, esse dado é insuficiente, de sorte que ele deve ir além e perscrutar as tensões, contradições e ambiguidades do sistema racial e revelar como estratos da população afro-gaúcha, em vez de vítimas passivas e assujeitadas, reagiam de maneira articulada (ou não) às adversidades da vida, fabricaram e refabricaram, seus próprios mecanismos de sociabilidade, política, cultura e lazer e, no limite,

conquistaram o seu espaço na sociedade; não de maneira estereotipada ou estigmatizada, mas digna, respeitosa e “quase-cidadã”.

É com este olhar em relação ao racismo e ao período pós-abolição, que esta pesquisa irá se debruçar sobre a questão da presença/ausência de jogadores negros nos dois clubes, da data de fundação deles até o ano de 1930, recorte escolhido pela profissionalização do esporte e gradual inclusão de jogadores negros nos clubes em contexto nacional.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida através de uma análise qualitativa de fontes escritas e de fotografias. Sobre a análise das imagens, é importante explicitar que, conforme Mauad (1996, p. 75-83) a fotografia não uma mera reprodução da realidade, mas uma elaboração do vivido e, por isso, ela não só informa, como conforma uma visão de mundo. Além disso, foi observado o critério de seleção de não se misturar diferentes tipos de fotografia, sendo analisadas, separadamente, ou imagens de jogadores perfilados, formando uma equipe, ou da estrutura material para a prática do esporte, no caso dos campos de jogos.

Em relação às fontes escritas, Elmir (1995, p. 21) aconselha que deve ser feita uma leitura meticulosa, exaustiva do jornal. Espig (1998, p. 274) alerta para a necessidade de que seja feita uma crítica interna ao conteúdo jornalístico, não usando-a como um reflexão da realidade. As fontes escritas são vistas desse modo, carregadas de visões e intenções daqueles que as produzem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens 1 (Revista Almanaque de Pelotas, 1917, p. 89) e 2 (Revista Esporte Clube Pelotas 90 anos: 1908-1998, 1998, p. 10) mostram os times do E. C. Pelotas de 1912 e 1930. Enquanto a primeira imagem é de um refinamento quase olímpico, na segunda os jogadores estão no campo de jogo. A semelhança é que em ambas não é possível identificar claramente nenhum jogador negro.

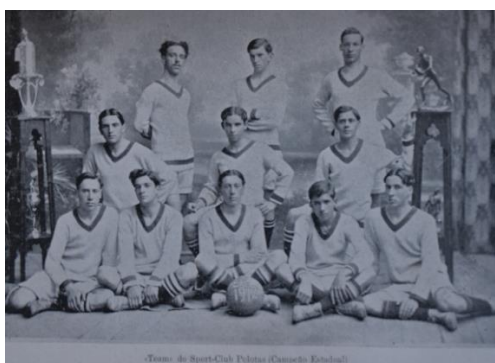


Imagem 1: E. C. Pelotas de 1912



Imagem 2: E. C. Pelotas em 1930

Já no caso do G. E. Brasil, que também disputava a Liga Pelotense de Futebol, é possível perceber claramente dois contextos, evidenciados pelos plantéis das duas próximas fotografias. Se na imagem 3 (Revista Brasil Gigante, n. 1, 1971), de 1917, a presença de jogadores negros não é percebida, na imagem 4 (ANDREA, 2011, p. 40), de 1930, são facilmente identificados alguns jogadores negros na equipe. Na verdade, analisando outras imagens, é possível perceber como essa presença foi aumentando ao longo dos anos 1920.



Imagem 3: G. E. Brasil de 1917

Imagem 4: G. E. Brasil em 1930

Mas parar apenas nessa constatação não é interessante. É preciso tentar perscrutar as razões que levaram a gradual aceitação desses jogadores. Pesquisando sobre o futebol na cidade de Porto Alegre, Mascarenhas (1999) sugere que a geografia histórica da cidade pode ajudar a entender a presença ou ausência de negros nas equipes de lá. Tentando observar essa situação nos clubes estudados, percebe-se que o S. C. Pelotas tem como sede o mesmo local, na Av. Bento Gonçalves, desde a década de 1910. Nas imagens 5 e 6¹, assim como em outras fotografias que as edições de 1918 e 1919 da revista trazem (Revista Almanaque de Pelotas, 1918, p. 28; 32; 40 e 1919 (p. 114; 122; 138; 154), são percebidas as características do local, com boa localização e uma bela estrutura, com grandes jardins e quadra de tênis, além do pavilhão e do campo.

Já o G. E. Brasil modificou seu local sede algumas vezes, normalmente por questões financeiras. Assim, em 1911 e 1912 jogou na Rua Félix da Cunha (esq. João Manoel, Conde de Porto Alegre e Benjamim Constant). De 1913 a 1927 teve a sua estrutura drasticamente melhorada, considerada uma das melhores do estado, passando a mandar suas partidas no Estádio Dr. Augusto Simões Lopes (imagem 7: ANDREA, 2011, p. 24), nome do presidente e principal investidor, próximo à Estação Central da Estrada de Ferro no Bairro Simões Lopes.

Porém no final dos anos 1920 o clube passa por muitas dificuldades financeiras e, de 1927 a 1943, muda seu campo para a Rua Nossa Senhora Aparecida ainda mais longe do Centro da cidade, também no Simões Lopes² (ANDREA, 2011, p. 24-25). É possível perceber nas fotografias que os jogadores negros começam a estar presentes de forma mais significativa nos plantéis exatamente nesse período de incursão no bairro Simões Lopes, na segunda metade dos anos 1920.

Moura (2006, p. 176-177) explica o contexto de criação do Bairro Simões Lopes, como uma alternativa para a população operária abandonar os cortiços do centro, podendo se deslocar até o trabalho através do bonde. Porém se nos anos 1910 o bairro tem uma evolução interessante, uma série de questões, como problemas geográficos e falta de investimento público, fizeram com que após os anos iniciais ele tenha gradualmente se tornado um subúrbio de habitações de baixa renda (MOURA, 2006, p.187-192). Os clássicos da cidade passam a opor, de um lado, os “Negrinhos da Estação” e, de outro, os “Fidalgos da Avenida”,

¹ Devido ao limite de páginas, as imagens 5, 6 e 7 serão mostradas apenas na apresentação oral.

² Apenas em 1943 se fixa no Estádio Bento Freitas (Rua João Pessoa, esq. Princesa Isabel), onde está até o momento, mas que não é analisado aqui, por estar fora do recorte proposto.

outro sinal claro de como estão atreladas a realidade geográfica e a composição social dos clubes.

4. CONCLUSÕES

Com essa proposta, de pensar a temática de estudo através da geografia histórica do futebol na cidade, este trabalho chegou a resultados interessantes. Essa até poderia ser uma explicação plausível para a situação, já que no E. C. Pelotas a manutenção da sede em uma região notadamente mais elitista parece ter dificultado a inserção de jogadores de etnia negra, enquanto o G. E. Brasil tem como principal momento de ingresso de jogadores negros o período em que se distancia do centro, adentrando num bairro operário. No entanto, a localização dos estádios não pode ser supervalorizada, já que o clube passava, sobretudo, por um período de dificuldades financeiras, sendo possivelmente essa uma das principais razões para a precoce, se comparada ao clube rival e mesmo a outros clubes do país, abertura das portas do clube aos afrodescendentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREA, C. M. C. de (Org.). **Identidade Xavante**: livro oficial do Centenário do Grêmio Esportivo Brasil – 1911-2011. Pelotas: Ed. Textos, 2011.

DOMINGUES, P. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, v. 16, n. 30, p. 215-250, dez. 2009.

ELMIR, C. P. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n. 13, 1995.

ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro 1998.

GUIMARAES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas, Ed. Da UFPel, 2010.

MASCARENHAS, G. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90 (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

RIGO, L. C. O Porto e a Fronteira: Notas Sobre o Pioneirismo do Futebol do Interior Gaúcho. In: GOELLNER, S. V. MUHLEN, J. C. (Orgs.). **Memórias do Esporte e Lazer No Rio Grande do Sul**. Editora da UFRGS. 2012. p. 35- 48.

MOURA, R. M. R. de. **Habitação Popular em Pelotas (1880-1950)**: Entre políticas públicas e investimentos privados. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2006.